

Argentina recebe US\$ 3 bilhões do FMI e deve ingressar no Plano Brady

por Paulo Totti
de Buenos Aires

O presidente Carlos Saúl Menem regressa hoje de uma visita de sete dias aos Estados Unidos, convencido de que sua viagem foi um sucesso extraordinário. "Em vinte e quatro horas o Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciará quando nos vai conceder o empréstimo de facilidades ampliadas de US\$ 3 bilhões", anunciou ontem o presidente argentino em Miami, última etapa de sua primeira visita oficial aos Estados Unidos. "Isto significa que já estamos transitando para o Plano Brady", acrescentou.

As declarações do presidente feitas ontem pela manhã foram confirmadas à tarde, quando o FMI divulgou em Washington um comunicado informando a concessão do empréstimo para março do próximo ano.

Nos Estados Unidos, Menem cumpriu o programa dos presidentes de países endividados: encontrou-se com o presidente George Bush, visitou o Congresso, reuniu-se com autoridades econômicas e banqueiros, tomou café da manhã com dirigentes do FMI, do Banco Mundial (BIRD) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), além de cortejar diretores de influentes jornais e fazer promessas a ricas corporações investidoras.

Esse roteiro-padrão sofreu, porém, importantes alterações e desdobramentos: Bush convidou Menem para jogar tênis em Camp David, o Congresso o recebeu em plenário (130 deputados e 40 senadores presentes), o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, ao finalizar o desjejum, incluiu Buenos Aires no giro que realizará ainda

este mês ao Cone Sul e que só contemplava visitas a Santiago e Montevideo, no próximo dia 27. E os jornais dedicaram a Menem algumas linhas a mais do que o muito pouco — às vezes nada — que publicam sobre a sempre aborrecida visita de autoridades latino-americanas à sua redação.

Nicholas Brady, secretário do Tesouro e inspirador do plano que já beneficiou México, Venezuela, Chile, Uruguai e Filipinas com substancial perdão de suas dívidas, constituiu-se, entretanto, na grande surpresa.

Ao final do encontro com Menem, Brady procurou enviados da televisão argentina para afirmar: "Estamos impressionados com os avanços da economia argentina. A Argentina deverá obter o Extended Facilities Fund (EFF, empréstimo de facilidades ampliadas) e lhes digo que está preparada para entrar em meu plano".

Perguntado sobre o que teria de fazer a Argentina para aceder ao Plano Brady, o secretário do Tesouro respondeu: "Bem, já está fazendo o que tem que fazer, seguir trabalhando nos projetos que já desenvolve, continuar com a estabilidade e as privatizações. Se essas condições principais forem conduzidas como até agora, o êxito será inevitável".

Assessores do presidente Menem dizem que as declarações de Brady não foram tão espontâneas. Brady saiu à procura dos jornalistas argentinos por insistência do próprio presidente Menem. "Se o senhor acha que a Argentina tem possibilidades de ingressar no plano, por favor, diga aos jornalistas na saída. Acaabei de ganhar eleições sob um severo ajuste econômi-

co e necessito dar ao povo a esperança de que no futuro sua situação vai melhorar", pediu Menem a Brady, durante uma reunião em que o secretário norte-americano não poupou elogios aos resultados do ajuste da economia argentina. Ao fazer o pedido, Menem se assegurava de que a opinião pública argentina estaria ouvindo da própria boca de Brady os salutaros comentários que, apenas repetidos por Menem, poderiam ser creditados à conta de mais uma das suas bravatas propagandísticas.

Nesse clima, Menem regressa hoje à noite a Buenos Aires com uma autoestima ainda mais valorizada do que quando partiu na noite da terça-feira anterior e já surpreendia os jornalistas ao afirmar: "Argentina e Estados Unidos estão em pé de igualdade".

Segundo Menem, o empréstimo de facilidades ampliadas — US\$ 3 bilhões, que podem chegar a US\$ 5 bilhões se houver aporte suplementar do BIRD, do BID e do governo japonês; três anos de prazo; auditorias semestrais — seria concedido, quando ainda não estarão cumpridos os quinze meses de duração do "standby" concedido em julho último, de US\$ 1,040 bilhão e monitoramento constante. O acesso ao Plano Brady, de acordo com o mesmo raciocínio otimista do presidente, ocorreria ainda no segundo semestre de 1992. Para obter o EFF, a Argentina terá de cumprir o que prometeu na carta de intenção para chegar ao "standby" — superávit fiscal total de US\$ 4,8 bilhões em 15 meses. E para passar do EFF para o Plano Brady, deverá estar em dia com os juros da dívida e contar "cash" com

outros US\$ 4 bilhões para pagar as garantias dos juros que passará a dever depois de perdoados cerca de 30 a 40% de sua dívida atual. (Ver reação da bolsa na página 24)

Em entrevista ao Jornal Ámbito Financiero, em Nova York, o chanceler Guido Di Tella disse que um empréstimo de facilidades ampliadas só vez, resultado positivo na Argentina se for como o do México: liberado à vista e não em diversas parcelas. Se não houver esse pagamento de uma só vez, segundo Di Tella, "não teremos como enfrentar o ingresso imediato ao Plano Brady".

O presidente Menem, e muito menos o comunicado do FMI, não esclareceu ontem como será a liberação dos recursos. Por isso, segundo os analistas, o mercado preferiu esperar.

O México, como se sabe, não só conseguiu US\$ 6,5 bilhões de uma só vez com o EFF, como, ao ingressar no Plano Brady, reprogramou o pagamento do principal de sua dívida para o ano 2.019. Quarenta e um por cento dos bancos credores aceitaram trocar a dívida antiga por novos títulos com um perdão de 35%. Como garantia, o México comprou e entregou-lhes títulos do Tesouro norte-americano, os chamados "zero bonds". Outros 47% optaram por trocar a dívida pactada a taxas flutuantes — na época, de 10% anuais — por juros fixos de 6,25% sem mudança no valor do principal. Se o petróleo subir de preço depois de 1996, a taxa de juros acompanhará proporcionalmente. Outros 12% preferiram conceder ao México um novo crédito de dinheiro fresco pelos próximos quatro anos no valor de 25% da dívida então existente.